

# 1 RELER PAULO FREIRE À LUZ DA AUTONOMIA NA INTERDISCIPLINARIDADE.

*Ivani Catarina Arantes Fazenda<sup>1</sup>*

A presente releitura não tem a intenção de traçar um paralelo entre textos escritos por Paulo Freire e textos construídos por teóricos da interdisciplinaridade. Esse trabalho ainda está por ser realizado por algum pesquisador que às duas proposições quiser se encaminhar.

Reler Paulo Freire à luz da teoria da interdisciplinaridade requer um outro tipo de procedimento: a tentativa de ousar, espelhar-me nele respeitosamente tentando recuperar fragmentos que velada ou explicitamente estiveram presentes em sua obra/ vida.e que me ensinaram algo que ainda encontra-se distante de mim...

Tomo como referência um momento em que Paulo lançou o livro Pedagogia da Autonomia- saberes necessários à prática educativa- talvez a última vez que o encontrei com vida. Ao relê-lo, uma emoção: a letra firme de Paulo na página de abertura:

*À Ivani, fraternalmente. Paulo-1997.*

**Hoje minha devolutiva:**

*Ao Paulo, fraternalmente, Ivani.*

Cada ítem da Pedagogia da Autonomia convida-me a rever o 'ensinar autonomia interdisciplinarmente'. Num 'dueto', ensaio devolver a ele alguns dos meus acordes para dizer da autonomia na interdisciplinaridade.

---

<sup>1</sup> **Ivani Catarina Arantes Fazenda:** Professora Titular do Programa de Pós Graduação: Educação/Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade – GEPI. Livre docente em Didática pela Universidade do Estado de São Paulo (UNIVESP/1991). Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo (UNESP/1984). Mestra em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP/1978). CV: <http://lattes.cnpq.br/9538159500171350>; E-mail: [jfazenda@uol.com](mailto:jfazenda@uol.com)

## **Autonomia nas pesquisas sobre Interdisciplinaridade (fragmentos).**

1 A interdisciplinaridade pauta-se numa ação em movimento. Esse movimento pode ser percebido em sua natureza ambígua, tendo a metamorfose, a incerteza como pressuposto.

2 Todo projeto interdisciplinar competente nasce de um *locus* bem delimitado, portanto é fundamental contextualizar-se para poder conhecer. A contextualização exige uma recuperação da memória em suas diferentes potencialidades, portanto do tempo e do espaço no qual se aprende.

3 A análise conceitual facilita a compreensão de elementos interpretativos do cotidiano. Para tanto é necessário compreender-se a linguagem em suas diferentes modalidades de expressão e comunicação; uma linguagem reflexiva, mas sobretudo corporal.

4 A interdisciplinaridade permite-nos olhar o que não se mostra e intuir alcançar o que ainda não se consegue, mas esse olhar exige uma disciplina própria capaz de ler nas entrelinhas.

5 Outro aspecto a ser salientado é a necessidade de privilegiar o encontro com o novo, com o inusitado em sua revisita ao velho. O recurso à memória em toda sua polissemia é algo difícil de ser realizado, requer estratégias próprias, criação de novas metodologias, metamorfose de metodologias já consagradas tais que, por exemplo, as histórias de vida ou outras pouco exploradas tais que a investigação hermenêutica.

6 Uma educação ou uma didática interdisciplinar fundada na pesquisa compreende que o importante não é a forma imediata ou remota de conduzir o processo de inquirição, mas, a verificação do sentido que a pergunta contempla. É necessário aprendermos nesse processo interdisciplinar a separar as perguntas intelectuais das existenciais.

7 Num processo interdisciplinar é preciso olhar o fenômeno sob múltiplos enfoques. Isto vai alterar a forma como habitualmente conceituamos. Não estamos habituados a questionar ou investigar conceitos. Temos como corrente em nosso discurso, conceitos tais que: formação, disciplina, competência, ensino, aprendizagem, didática, prática, como conceitos dados.

8 Numa dimensão interdisciplinar, um conceito novo ou velho que aparece adquire apenas o encantamento do novo ou o obsoleto do velho. Para que ele ganhe significado e força precisa ser estudado no exercício de suas possibilidades. A imagem que me vem à cabeça é a dos mil esboços realizados por Picasso ao compor a Guernica — a totalidade conceitual dessa obra foi gestada na virtude da força guerreira, no desejo transcendente de expressar liberdade. A magnificente força que dela emana, o impacto que sentimos quando dela nos aproximamos encontra-se na harmonia de cada detalhe, na beleza da vida e na crueza da morte assim como na crueza da vida e na beleza da morte.

9 Razão e emoção compõem a dança de luz e sombra da liberdade conquistada. Cada um de nós ao contemplá-la chora e ri a partir dos sonhos enunciados, da intuições subliminares, no jogo explícito das contradições, da história configurada. Picasso cuidou interdisciplinarmente de cada aspecto de sua liberdade pessoal, exercitou-a ao compor um conceito universal de liberdade. Esse exercício nos educadores ainda estamos por viver. Geralmente cuidamos da forma, sem cuidarmos da função, da estética, da ética, do sagrado que colore o cotidiano de nossas proposições educativas ou de nossas pesquisas.

10 Os cuidados anteriormente enunciados quando analisados em sua potencialização certamente alterarão o conceito macro de ser professor. Gradativamente precisamos nos habituar ao exercício da ambiguidade, no sentido de que esse procedimento rejeita a mediocridade das ideias, estimula a vitalidade espiritual, é radicalmente contrário ao hábito instaurado da subserviência, pois reconhece que o mesmo massacra as mentes e as vidas. A lógica que a Interdisciplinaridade imprime é a da invenção, da descoberta, da pesquisa, da produção científica, porém gestada num ato de vontade, num desejo planejado e construído em liberdade- assim como em Paulo Freire.

### **Paulo Freire - O povo tomando a palavra - Autonomia (fragmentos coletados de 1960 a 1975).**

1 “O conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações”. (FREIRE, 1969, p. 27).

2 “Admirar a realidade significa objetiva-la, apreendê-la como campo de sua ação á reflexão. Significa penetrá-la cada vez mais lucidamente, para descobrir as inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos”. (FREIRE, p. 27, 1969).

3 “Somente o homem é um ser de práxis ..., pois, é um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que é capaz de estabelecer relações num mundo de relações, que reflete sobre sua própria atividade e dela se separa. (FREIRE, 1974, p. s/n)

4 “Esta práxis só é possível quando se mantém a dialética entre o subjetivo e o objetivo.(FREIRE, 1975, p. 59,)

5 “O objetivo da codificação é chegar ao nível crítico do conhecimento, com a experiência da situação no "contexto real" por parte do aluno...’. (FREIRE, 1975, p. 34).

6 A conscientização é mais que uma simples tomada de consciência: “Implica numa inserção crítica da pessoa conscientizada numa realidade desmistificada. Tem por

objetivo a obtenção de consciência crítica, ou seja, do máximo de consciência possível”. (FREIRE, 1975, p. 39).

7 “A conscientização é inter-conscientização”. (FREIRE, 1969, p. 61). Esta inter-conscientização só é possível através do verdadeiro diálogo, ou seja: “Neste encontro dos homens, mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, não se esgotando portanto, na relação eu tu”. (FREIRE, 1974, p. 93).

8 O verdadeiro diálogo só existe no pensar crítico, que é um pensar dinâmico que capta a realidade em seu devir e não se dicotomiza a si mesmo na ação. O que se pretende com esse diálogo é a problematização do próprio conhecimento. “Não depende do conteúdo a ser problematizado. Tudo pode ser problematizado”. (FREIRE, 1969, p. 53).

9 “Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição - um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas, a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma inestruturada”. (FREIRE, 1974, p. 98).

10 A educação para Paulo Freire é ação cultural para a liberdade, ou seja, é um ato de conhecimento no qual o aluno assume o papel de sujeito do conhecimento, através do diálogo com o educador. “Há, portanto, uma sucessão constante do saber, de tal forma que todo novo saber, ao instalar-se, aponta para o que virá substituí-lo”. (FREIRE, 1969, p.31). Sua posição no referente à historicidade é a de que o homem é sujeito e objeto de sua história.

11 “O homem transforma o mundo, mas, sua consciência é condicionada histórica e culturalmente”. (FREIRE, 1975, p. 63). Neste sentido, arquiteta uma educação que corresponde ao modo humano do homem, de um homem enquanto protagonista da história.